

Crescendo a passos de tartaruga: retrocesso relativo

*Luiz Alberto Machado*¹



“Liberalismo é uma forma bastante sofisticada de o Estado intervir na economia!”

Marcos Lisboa

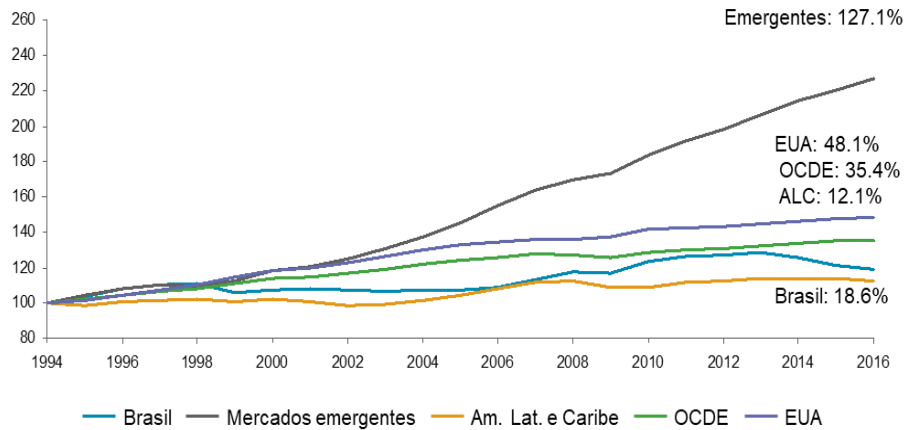
Como parte da intensa programação levada a cabo pelo Espaço Democrático, a fundação responsável por pesquisas e formação do PSD (Partido Social Democrático), foi realizada a palestra sobre "Desafios da Economia Brasileira", ministrada pelo economista Marcos Lisboa, presidente do Insper e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda entre 2003 e 2005.

Lisboa iniciou sua palestra falando do enfraquecimento relativo da economia brasileira nos últimos 50 anos, incluindo os últimos 25, posteriores à conquista da estabilidade obtida com o Plano Real.

A tabela 1 revela claramente a perda relativa dos trabalhadores brasileiros a partir de 1994, ano da implementação do Plano Real, *vis a vis* países emergentes, Estados Unidos, países da OCDE e países da América Latina e Caribe.

Tabela 1
PIB por Pessoa Empregada

¹ Economista pela Universidade Mackenzie, mestre em Criatividade e Inovação pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal), ex-presidente do CORECON-SP e do COFECON, e sócio-diretor da empresa SAM – Souza Aranha Machado Consultoria e Produções Artísticas.



Taxa de crescimento	1995 - 1998					1999-2006					2007-2011					2012 - 2016				
	Brasil	Mercados emergentes	Am. Lat e Caribe	OCDE	EUA	Brasil	Mercados emergentes	Am. Lat e Caribe	OCDE	EUA	Brasil	Mercados emergentes	Am. Lat e Caribe	OCDE	EUA	Brasil	Mercados emergentes	Am. Lat e Caribe	OCDE	EUA
Total	10.8%	9.4%	2.0%	8.3%	10.5%	-2.0%	41.6%	5.8%	16.2%	21.4%	16.3%	23.9%	3.8%	3.6%	6.3%	-6.1%	18.4%	0.1%	3.9%	3.9%
Média anual	2.6%	2.3%	0.5%	2.0%	2.5%	-0.2%	4.4%	0.7%	1.9%	2.5%	3.1%	4.4%	0.8%	0.7%	1.2%	-1.3%	3.4%	0.8%	0.8%	

Nota: PIB em US\$ de 2016, ajustado pela PPP.
 Fonte: Total Economy Database, The Conference Board. Análise Oliver Wyman.

Nos anos que antecederam o Plano Real, o Brasil cresceu num ritmo muito inferior aos demais países emergentes (em média, 6% abaixo). Durante os governos FHC e Lula, o nosso crescimento foi inferior ao dos emergentes, porém num ritmo inferior de apenas 2%. A partir de 2010, no entanto, a situação se deteriorou e nosso desempenho foi lamentável, fazendo com que diversos outros países deixassem o Brasil "comendo poeira".

Como razões desse retrocesso, Lisboa apontou os seguintes fatores: (i) excessivo aumento do gasto público, concentrado fundamentalmente em salários e previdência, embora o Brasil ainda seja um país com população jovem em rápido processo de envelhecimento; (ii) redução acentuada do nível de investimento; (iii) baixa produtividade dos recursos humanos.

Além disso, mencionou quatro causas estruturantes: (i) baixa educação (aprendizagem dispersa e sem foco); (ii) reduzido investimento em infraestrutura; (iii) produtividade fora da empresa (instituições eficientes); (iv) políticas e intervenções públicas que dificultam o ciclo de abertura e fechamento das empresas.

Na sequência, Lisboa lamentou a perda de tempo com os falsos debates, tais como: (i) considerar juros e câmbio fatores essenciais para o crescimento; (ii) a necessidade de regulação ou de intervenção para o funcionamento dos mercados, quando o que importa é definir quais as regras que permitem o desenvolvimento eficiente dos mesmos.

A má notícia, na visão de Lisboa, é que tudo que está acontecendo não é novo e é sobejamente conhecido. A boa notícia é que depende apenas de nós mesmos, não dá pra responsabilizar nenhum país ou instituição estrangeira pela nossa situação. Em outras palavras, a bola está conosco.

Na parte aberta às perguntas da plateia, perguntei ao palestrante como ele explicava a acentuada mudança do Brasil em termos de crescimento econômico, considerando que no consagrado trabalho *World Economic Performance Since 1870*, Angus Maddison, um dos mais respeitados analistas de ciclos longos de desenvolvimento, identificou o Brasil como o país que apresentou melhor desempenho de 1870 a 1986, numa amostra que reunia os cinco maiores países da OCDE (EUA, Alemanha, Reino Unido, França e Japão) e os cinco maiores de fora da OCDE (Rússia, China, Índia, México e Brasil).

Nesse estudo, publicado em 1987 e apontado pelo embaixador Rubens Ricupero (2001, p. 103) como “o mais impressionante de todos, por comparar grandes economias, portanto entidades pertencentes mais ou menos à mesma ordem de grandeza, e por cobrir duração de tempo tão extensa”, Maddison concluiu que “o melhor desempenho tinha sido o brasileiro, com a média anual de 4,4% de crescimento; em termos per capita, o Japão ostentava o resultado mais alto, com 2,7%, mas o Brasil, não obstante a explosão demográfica daquela fase, vinha logo em segundo lugar, com 2,1% de expansão por ano”.

Respondendo à questão, Lisboa apontou como principal razão o fato de que mesmo nesse longo período em que o Brasil apresentou bom desempenho, o crescimento não ocorreu de maneira regular e constante, mas sim de forma espasmódica, alternando fases de excepcional crescimento – como o do chamado milagre econômico – com outros de relativa estagnação – como na década de 1980, conhecida como década perdida, na qual, segundo a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), o crescimento do PIB por habitante no Brasil foi de -0,4.

Lisboa reconheceu, no entanto, que o desempenho do período considerado por Maddison foi, em média, bem mais auspicioso do que o verificado nas últimas décadas e fez questão de insistir para a responsabilidade, predominantemente nossa, de retomar a trilha do crescimento sustentado. Para tanto, destacou as seguintes prioridades:

- Simplificação e previsibilidade das regras tributárias
- Estímulo à competição e redução das distorções setoriais
- Abertura comercial
- Maior relevância dos mercados de crédito e de capital
- Investimento em infraestrutura
- Política social e Reforma do Estado

Referência bibliográfica

RICUPERO, Rubens. **O Brasil e o dilema da globalização**. São Paulo: Editora SENAC. Série Livre Pensar, 2001.